

O poder da mídia sob a ótica da psicanálise

Adriana Bacellar*

Os II Estados Gerais da Psicanálise, que tiveram como tema principal *A atualidade no psicanalisar*, deram ênfase, desde a sua convocatória, às questões da atualidade, dentre as quais as relações da psicanálise com as teorias da informação. Se as novas formas da psicanálise contemporânea “*implicam-na a acolher positivamente as manifestações nas quais o mal-estar se apresenta*”, como lemos no site dos Estados Gerais, a chamada comunicação de massa não poderia mesmo ficar de fora desse encontro realizado no Rio de Janeiro entre os dias 30 de outubro e 2 de novembro.

Hoje em dia, a Comunicação Social é espelho do grande mal-estar de nosso tempo, mal-estar esse que, grosso modo, pode ser definido como a angústia fundamental sobre a qual o ser humano se estrutura como sujeito e que é fruto da luta entre o chamado princípio do prazer (liberdade das pulsões) e o princípio de realidade (necessidade de freá-las). Esse sujeito do qual se fala é o sujeito da linguagem, pois se existo primeiramente como ser pensante (*penso, logo existo* – Descartes), lá aonde a linguagem me funda, existo inicialmente também como ser desejante.

Na comunicação de massa, pode-se constatar o mal-estar através da publicação de notícias as mais variadas. Elas vão desde as que dão conta da crescente desigualdade entre os países desenvolvidos e os países pobres, passando por aquelas que mostram a execução de atos terroristas em todo o mundo, até a promoção de produtos e valores a objetos de consumo, como se esses fossem capazes de amenizar os sintomas do mal-estar na cultura contemporânea.

Tais sintomas, hoje em dia, recebem muitas vezes nomes pomposos, como síndrome do pânico, anorexia, bulimia, estresse, depressão. Noutras vezes, eles se

apresentam na forma de banalização da violência que acontece diariamente nos diversos cantos da Terra, em cada bairro, na nossa esquina.

Nos comentários críticos da convocatória, encontramos um item de especial interesse tanto para os profissionais da Comunicação Social quanto para a própria interface desta com a Psicanálise. Trata-se do item 5a que, por sua proposição, incita os profissionais da área a questionarem-se e questionarem o seu fazer.

Propor aos psicanalistas que “*problematizem a pertinência e a legitimidade da experiência psicanalítica*”, pela via das pulsões em geral, sob pena de, caso contrário, “*reduzir o estatuto da linguagem à dimensão da informação e à mera transmissão de mensagens e imagens*” causa espécie a toda a classe de jornalistas e demais profissionais da área, pois é exatamente isso o que fazemos – reduzir a linguagem de forma a que essa possa ser captada, através de notícias, por uma massa, por um público médio de leitores, espectadores e telespectadores. Não como forma de desviar-se da “*característica constitutiva de subjetividades*” que o mal-estar apresenta, mas como forma de poder existir e de poder exercer a função para a qual essa comunicação de massa foi concebida.

O mundo das pulsões tem vez na Comunicação Social apenas como mais um sintoma da era atual. Chico Buarque já disse há muito tempo, em uma de suas belas canções, que “*a dor da gente não sai no jornal*”. Mas esta não é mesmo a função do jornalismo.

Ao mesmo tempo, a produção de notícias e noticiários causa crescente curiosidade e interesse neste mundo em que nada parece acontecer verdadeiramente se não for notícia. Isso já seriam as *conseqüências* desse sintoma, cujas causas remetem também às mesmas origens das principais descobertas de Jacques Lacan.

O objetivo do mundo das notícias, sejam elas de que natureza forem, é – pelo menos em sua denominação comum – o mesmo *furo* que Lacan apontou como lugar da linguagem, do Outro, como a fenda que constitui o sujeito como ser da palavra.

No entanto, se para o jornalismo um *furo* é uma notícia importante e exclusiva, aquilo que vai causar água em outros veículos de comunicação que não publicaram a mesma importante notícia, para a psicanálise *furo* é a morada do sujeito, que só pode ser classificado como tal exatamente por constituir-se sobre esse abismo que o funda.

Trata-se de algo que tem uma relação fundamental com a ausência do objeto *a*, da falta por excelência, algo que desde a sua inscrição primária no sujeito tem o caráter de signo, de símbolo, de mensagem ao Outro, localizada ao nível da simbolização e do para-além de sentido (não se consegue dizer tudo o que se sente e o que se pensa). Elementos significantes presos numa cadeia significante. Cadeia simbólica, em suma.

Do mesmo modo como as drogas, a sublimação e as tentativas de aniquilamento das pulsões, como enumera Freud no livro *O Mal-Estar na Civilização*, a mídia também permite a obtenção de respostas imediatas, ainda que fugazes. E nada na mídia faz o homem sequer supor que, na verdade, ele se afasta cada vez mais de um conhecimento que torne possível a ele mesmo selecionar o que de fato necessita em meio a tanto apelo consumista.

Na era eletrônica, mais do que nunca, satisfação não tem nada a ver com necessidade, e muito menos com desejo. Ao contrário, a única satisfação possível parece ser aquela imaginária, de consumir produtos embrulhados como se fossem respostas diretas às necessidades mais urgentes do sujeito: a necessidade de saber quem é e de se ver reconhecido dentro de seu próprio mundo, pelo Outro.

O mercado da comunicação, no entanto, traduz essa urgência do sujeito como produtos possíveis de serem obtidos, bastando para isso pagar o preço certo. Os frutos

da mídia passam então a ser os imperativos da vaidade e do narcisismo, que, longe de superficiais, falam diretamente à falta que funda o sujeito falante.

Também por isso o italiano Antonio Negri, em sua palestra nos Estados Gerais do Rio, reafirmou categoricamente a morte do sujeito frente à vitória do capital. A essa rendição, caracterizada por Negri frente aos incontestáveis fatos históricos que a comprovam, ele sugere uma resistência baseada no que chama em seu livro *Império* (junto com Michael Hardt) de biopoder: a capacidade de renovar as relações de trabalho mesmo nos ambientes altamente informatizados, para que o sujeito possa renascer enquanto integrante de uma multidão – que não é una, como ele ressaltou, mas múltipla em suas diferenças.

Resistência, resistência, resistência – repetiu Antonio Negri em vários momentos de sua intervenção, ressaltando as vias pelas quais o sujeito poderá efetuar esse novo Renascimento, como aquele italiano há 500 anos: através da atualização de seu desejo. E não é mesmo isso o que a vida moderna, bem como a própria psicanálise, nos impõe?

* Jornalista,
autora do livro “*Os meios de comunicação como extensões do mal-estar*”,
Editora Mauad, 2003.